

AVENIDA JÚLIO DE MESQUITA

Deliberação da Câmara de 31-08-1927

Edital de 12-09-1927

Lei nº 361 de 15-07-1950, Artigo 5º

Formada pelas antigas ruas Boa Vista e Augusto Ceza

Início na avenida Moraes Sales

Término na rua Olavo Bilac

Cambuí

Obs.: Edital assinado pelo Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em Exercício Celso da Silveira Rezende. A lei 361/50 foi promulgada pelo Prefeito Municipal Miguel Vicente Cury. No edital conta: Avenida Julio Mesquita". Na lei: "Avenida Júlio de Mesquita". Foi antes conhecida pelo nome de "Boa Vista" e também foi chamada de "Rua Augusto Cezar".

JÚLIO DE MESQUITA

Julio Cesar Ferreira de Mesquita nasceu em Campinas a 18-agost 1862 e faleceu em São Paulo, a 15-março-1927. Era filho de Francisco Ferreira de Mesquita e Maria da Conceição Ferreira de Mesquita e foi sado com Lucilia de Cerqueira César de Mesquita. Iniciou seus estudos no Colégio Caldeira, depois, no Colégio Morton e, finalmente, no Colégio "Culto à Ciência", de Campinas. Ingressou na Academia de Direito de São Paulo, bacharelando-se aos 21 anos. Advogou em Campinas. Jornalista por vocação, foi combativo e vibrante, independente e ativo, manifestava suas idéias e as defendia com desassombro, enfrentando ameaças e perseguições políticas. Colaborou na "Gazeta de Campinas", um d jornais de maior destaque na imprensa de então, depois na "Provincia São Paulo", hoje "O Estado de S. Paulo", do qual foi seu redator-chef de 1891 à 1927, quando faleceu. Inteligente, culto e independente, se pre defendendo as causas nobres e justas, elevou o seu jornal como um dos mais conceituados do país. Julio de Mesquita foi atraído pela política, sendo eleito vereador à Câmara Municipal de Campinas, pelo Part do Republicano, na legislatura de 1887-1890. Foi secretário da presidcia no governo do Estado de São Paulo, deputado estadual, líder da maria na Constituinte de 1891, deputado federal e senador estadual. Após isso, abandonou a política a fim de dedicar-se inteiramente ao seu "O Estado de S. Paulo".

Dispõe sobre a denominação de diversos logradouros

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Rua Erasmo Braga (Ato n.º 48, de 22-3-1933), também o prolongamento dessa via pública, além da praça circular situada no fim da Rua Rafael Sales, indo terminar na Rua Germânia, entre a Rua Itália e o prolongamento da Avenida Andrade Neves.

Artigo 2.º — Fica denominada Avenida Brasil (Edital de 12-10-1932), também o prolongamento dessa via pública, além da ponte da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, passando pelas divisas do Jardim Guanabara e Jardim Chapadão, em direção à estrada dos Amarais.

Artigo 3.º — Em virtude da modificação do traçado na 3.ª Travessa da Avenida São Paulo, fica denominada Rua Amador Florence e via pública que inicia e termina do lado par da Rua Salustiano Penteado — entre as Ruas Otávio Mendes e Cesário Mota.

Artigo 4.º — Fica denominada Rua Sampaio Ferraz (Edital de 12-9-1927), também o trecho dessa via pública, que inicia na Rua Dr. Vieira Bueno, até a Rua Coronel Quirino.

X Artigo 5.º — Fica denominada Avenida Júlio de Mesquita, o prolongamento dessa via pública, a partir da Rua Benjamin Constant até a Rua Dr. Moraes Sales, entre a Rua Itú e Antônio Cesarino. X

o Parágrafo único — Fica revogado o Edital de 12-9-1927, que denominava de Rua Augusto Cezar, o trecho de via pública citado no artigo 5.º.

— Artigo 6.º — Fica denominada Rua Barão de Pirapitingui (Ato 25 de 29-6-1931), também o prolongamento dessa via pública, além da Rua Sales de Oliveira, através da Vila Segalho, indo terminar na Rua Dr. Carlos de Campos.

Artigo 7.º — Fica denominada Rua Francisco de Assis Pupo (Decreto 311 de 13-11-1945), também o trecho dessa via pública, aquém do córrego, na Rua 2 da Vila Ângela, onde a mesma terá início.

Artigo 8.º — Fica denominada Rua General Lauro Sodré (Decreto 311 de 13-11-1945), também o trecho dessa via pública, aquém do córrego, no prolongamento da Rua Francisco de Assis Pupo.

o Artigo 9.º — Fica denominada Rua Oliveira Cardoso (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar no Castelo D'água, entre o prolongamento da Avenida Andrade Neves e a Avenida I, deste último arruamento.

Artigo 10.º — Fica denominada Rua Alferes João José (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar na Avenida B, entre a Praça 3 e travessa B, tudo do Jardim Chapadão.

Artigo 11.º — Fica denominada Rua Álvares Lima (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar na Avenida B, entre as Travessas A e B, tudo do Jardim Chapadão.

Artigo 12.º — Fica denominada Rua D. Rosa de Gusmão (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar na Avenida B, entre a Travessa A e Rua 11.

Artigo 13.º — Fica denominada Rua Barbosa de Andrade (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar no prolongamento da Avenida Andrade Neves, entre as Ruas Circulares 1 e 2.

Artigo 14.º — Fica denominada Rua Gonçalves Cezar (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Brasil, indo terminar na Rua I, junto à Estrada de Ferro Sorocabana.

Artigo 15.º — Fica denominada Rua Camargo Pimentel (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela Rua do Jardim Brasil, indo terminar na Rua I, junto à Estrada de Ferro Sorocabana.

Artigo 16.º — Fica denominada Rua Frei Antônio de Pádua (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Brasil, indo terminar na Rua D. Pedro I.

Artigo 17.º — Fica denominada Rua Frei Manoel da Ressurreição (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela Rua do Jardim Brasil, indo terminar na Rua Imperatriz Leopoldina, junto à Estrada de Ferro Sorocabana.

Artigo 18.º — Fica denominada Augusto Cezar, a Praça que fica junto ao Córrego do Flocença, no Bairro da Nova Campinas e que é atravessado pela Rua Dr. Carlos Stevens, entre a parte edificada e a que não possui casas ainda.

Artigo 19.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Pago Municipal de Campinas, aos 15 de julho de 1950.

MIGUEL VICENTE CURY

Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 15 de julho de 1950.

O Diretor,
ADMAR MAIA



AVENIDA JULIO MESQUITA

Denominações de ruas

Dr. Celso da Silveira Rezende, Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em exercício, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Camara, em sessão de 31 do mez findo, e de accordo com o art. 7.º da Lei n. 87, de 1902, as vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora avante assim denominadas:

AVENIDA JULIO MESQUITA, a parte larga da rua Augusto Cezar, comprehendida entre a rua Benjamin Constant e a Santa Cruz. (sob. n. 1, planta da Prefeitura); — RUA DR. GUILHERME DA SILVA, a rua que passa pelo canto do terreno do Bispado, chamada pelo vulgo de *Alieres Raymundo*. (sob n. 2, planta da Prefeitura); TRAVESSA IRMAOS BIERRENBACH, a rua que vae da rua Augusto Cezar á Praça 15 de Novembro. (sob n. 3, planta da Prefeitura); RUA PAULA BUENO, (Commendador Francisco de Paula Bueno) antiga estrada do Taquaral, do canal do Saneamento até o alto do Taquaral. (sob n. 5, planta da Prefeitura); RUA BARÃO GERALDO DE REZENDE, a rua denominada José Paulino, que foi bifurcada em duas, na parte que vae da bifurcação em diante, passando pela frente do Stadium do Guarany. A parte nova, continuação em linha recta da José Paulino, conservará este nome em toda a sua extensão. (sob n. 6, planta da Prefeitura); RUA DR. SILVEIRA LOPES, a rua que parte da rua Calto á Sciencia, em frente ao Gymnasio do Estado. (sob n. 7, planta da Prefeitura); RUA MARQUEZ DE TRES RIOS, a rua geralmente conhecida por travessa da Maternidade, que parte da rua Saldanha Maranhão, no Botafogo. (sob n. 8, planta da Prefeitura); RUA DO CAFE, a 1.ª travessa da Avenida São Paulo, no Botafogo. (sob n. 9, planta da Prefeitura); RUA ANTONIO GUIMARÃES (O BAHIA), a 2.ª travessa da Avenida São Paulo, e paralela á precedente (sob o n. 10, planta da Prefeitura) — RUA DR. SALUSTIANO PENTEADO, a rua paralela á Avenida São Paulo, entre esta e os trilhos da Cia. Mogyana, vulgarmente chamada rua *São José*. (sob n. 11, planta da Prefeitura); — RUA AMADOR FLORENCE, a 3.ª travessa da Avenida São Paulo, (sob n. 12, planta da Prefeitura); — RUA DR. CESARIO MOTTA, a 4.ª travessa da Avenida São Paulo, conhecida sob a denominação de rua *Iza*. (sob n. 13, planta da Prefeitura); — RUA DR. RODRIGO OCTAVIO, a 5.ª travessa da Avenida São Paulo, paralela á precedente e conhecida pela denominação de rua *Jandyra*. (sob n. 14, planta da Prefeitura); — AVENIDA DR. WASHINGTON LUIS, a rua que parte da rua Mascarenhas, localisada entre as linhas das Companhias Paulista e Mogyana. (sob n. 15, planta da Prefeitura); — RUA LUIZ GAMA, a paralela á rua Germania, entre esta e os trilhos da Sorocabana (sob n. 16, planta da Prefeitura); — RUA DR. THEODORO LANGIARDI, a 1.ª paralela á Germania. (sob n. 17, planta da Prefeitura); — RUA SANTAANNA GOMES, a 2.ª paralela á rua do Bomfim. (sob n. 18, planta da Prefeitura); — RUA DR. ARNALDO DE CARVALHO, a rua paralela á precedente. (sob n. 19, planta da Prefeitura); — RUA DR. ALBERTO SARMENTO, a 2.ª paralela á Germania. (sob n. 20, planta da Prefeitura); — RUA RAPHAEL SALLES, a 3.ª paralela á Germania e em seguida á precedente. (sob n. 21, planta da Prefeitura); — RUA JULIO RIBEIRO, a paralela á precedente. (sob n. 22, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM VIELAC, a que sahe da rua do Bomfim, em direcção ao Asylo de Invalidos, denominada *Estrada da Roseira*. (sob n. 23, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO BENTO, a rua na Villa Industrial, paralela á rua Bella Vista, e geralmente conhecida por *Antonio Bento*. (sob n. 24, planta da Prefeitura); RUA DR. CARLOS DE CAMPOS, a rua na Villa Industrial conhecida pelo nome *Bella Vista*. (sob n. 25, planta da Prefeitura); — RUA BENEDICTO OCTAVIO, a rua conhecida pelo nome de *Alberto Dias*, travessa da rua Salles de Oliveira, entre Pereira Lima e Alieres Raymundo. (sob n. 26, planta da Prefeitura); — RUA D. MARIA SOARES, a 1.ª travessa da Salles de Oliveira e paralela á Avenida João Jorge. (sob n. 27, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO SARMENTO, a 2.ª travessa paralela á precedente. (sob n. 28, planta da Prefeitura); — RUA OSCAR LEITE, a rua que parte da Estrada Paulista (Ponte Preta), paralela á rua Abolição, em continuação á rua Barão de Jaguará. (sob n. 29, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM NOVAES, a rua que parte da rua Irmã Seraphina, fronteira á Marechal Deodoro. (sob n. 30, planta da Prefeitura); — RUA DR. CARLOS GUIMARÃES, a rua que sahe da rua Major Solon, partindo do canal do Saneamento. (sob n. 4, planta da Prefeitura); — RUA DR. SAMPAIO FERRAZ, a 1.ª rua paralela á rua dos Bandeirantes, tendo inicio na rua Cel. Quirino. (sob n. 1, planta parcial da Prefeitura); — RUA DR. EMILIO RIBAS, a 2.ª travessa da rua precedente, a partir da rua Maria Monteiro. (sob n. 3, planta parcial da Prefeitura).

E para conhecimento de todos, mandei expedir o presente edital.

Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 12 de Setembro de 1927.

Dr. Celso da Silveira Rezende





Os velhos casarões, com resquícios aristocráticos, cedem lugar aos prédios

Júlio Mesquita, a nossa Paulista

Lutz R. Sarany Rey

Aos poucos, os velhos casarões foram sendo demolidos. A aristocracia mudou de endereço e as mansões que restaram acabaram ocupadas por luxuosas boutiques, escritórios e escolas técnicas, estabelecimentos de prestação de serviços e bares. Os primeiros esportes rasgaram os céus, suplantando felizes das casas e sobraças, trazendo moradias modernas, em estilo mediterrâneo, que substituíram as imensas varandas de tabua de peroba com sacadas medievais.

É a Avenida Júlio de Mesquita perdeu sua principal feição: a de ser uma via elegante, onde residiam as famílias dos campineiros quatrocentistas. Hoje, ela transforma-se em mais uma opção para o expansionismo da área comercial de Campinas, que destaca-se, em virtude do crescimento vertiginoso da cidade, e modifica as faces de outras ruas semelhantes, como é o caso da Coronel Quirino, Prisciliana Soares e Coronel Silva Telles.

Inspirada na Avenida Paulista dos tempos antigos — e que completou recentemente seus 90 anos de existência na capital — a Avenida Júlio de Mesquita surgiu em Campinas a partir da década de 20, com seus casarões de estilos diversificados — imperando o colonial — mas sempre suntuosos e alceados entre magníficos jardins. Destinava-se a abrigar a aristocracia emergente da crise do café e, por isso mesmo, imperou por quase quatro décadas como a via dos requintes, como fora a Paulista do princípio do século.

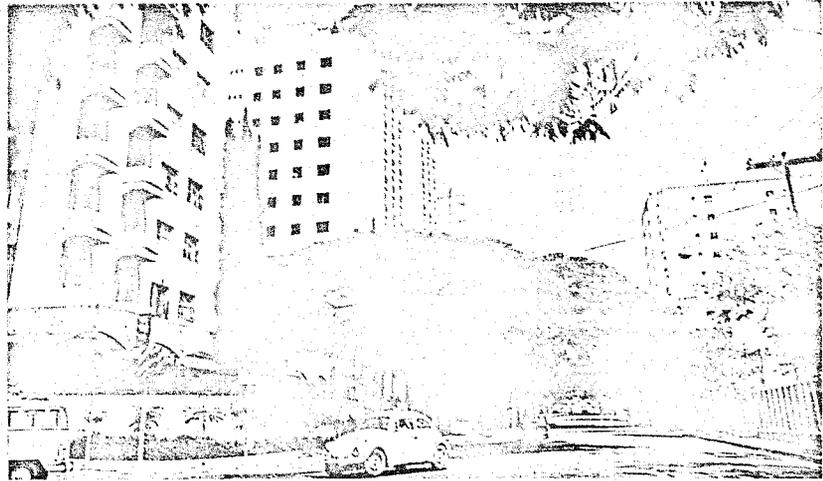
SIMILAR

Decorridos 60 anos, a Júlio de Mesquita não deixou de ser o paralelo campineiro da Avenida que abrigou em seus palacetes o que havia de mais fino na sociedade paulistana. Antes disso, através de um processo de descaracterização, ela começou a se transformar, gradativamente, na Avenida Paulista dos tempos modernos, abrangendo todo tipo de estabelecimento de prestação de serviços, consultórios e, notadamente, tornando-se o centro da cultura da cidade.

O que restou dos seus palacetes e mansões já não tem qualquer vínculo com o tradicionalismo das famílias que os construíram. Na maior parte, estão ocupados por escolas de línguas estrangeiras, lojas, bancos e bares. Assim, a Júlio de Mesquita preserva o caráter que a inspirou, unindo as pontas de sua história, para, quem sabe, num futuro não muito distante ser a viga central de uma área da cidade que se assemelha com os famosos jardins da capital.

O processo de desconcentração do Centro de Campinas — pequeno demais para continuar abrigando a rede bancária e comercial — conduziu o polo dos grandes negócios para aquela região. A cidade, no último censo passou a ser considerada a segunda região de grande desenvolvimento no Estado, o que contribuiu para que a Júlio de Mesquita ganhasse essa nova face.

Da antiga Avenida não se pode dizer nem mesmo que restou o grande Largo, denominado de Praça Imprensa Fluminense, e que a dividiu em duas partes distintas, entre as ruas General Osório e Conceição. O largo também cedeu seu lugar para uma das grandes obras arquitetônicas da cidade: o Centro de Convivência Cultural que não perde muito para o Museu de Arte de São Paulo — o MASP, cuja importância empresta um tom de cartão postal à Avenida Paulista. Da Praça Imprensa Fluminense somente restou um espaço: Para o busto de Júlio de Mesquita, que durante anos esteve guardado na Associação Campineira de Imprensa.



Casarões foram demolidos e terre nos ocupados por prédios modernos.

Na década de 20, um elegante centro residencial aristocrata

No dia 24 de dezembro de 1912 a população de Campinas saudou os primeiros bondes a tração elétrica, que circularam pelos antigos traçados na cidade, enfeitados por dezenas de bandeiróis das primeiras nações. Era véspera de Natal e os incipientes veículos — os metrôs da época, substituídos dos extemporâneos bondes a tração animal — rangeram sobre os trilhos.

Espalhando luzes velozes pelas estreitas vielas e pelos jardins, eles passavam, deixando para trás assustadores relâmpagos azuis e entusiasmados pelotões de meninos, que corriam para alcançá-los, metidos em ternos azuis-marinhos e gravatas borboletas.

Nesse tempo, a área que se transformaria na moderna avenida Júlio de Mesquita estava integrada à zona rural de Campinas, composta praticamente de chácaras ou de extensas regiões de mata que circundavam fazendas cafezeiras. Era, no máximo, um caminho de chão batido, interligando as Chácaras Proença e da Barra.

Foi somente em meados da década de 20, quando a cidade começou a ganhar novos contornos, e ampliar seu antigo perímetro para além da Escola Normal e do Jardim Carlos Gomes, que a Avenida Júlio de Mesquita surgiu, já como artéria e não como simples rua, intermediando o tradicional Centro e o elegante bairro do Cambuí — centrado essencialmente na rua Coronel Quirino — que começava a se desenhar como a região elegante e aristocrática da cidade.

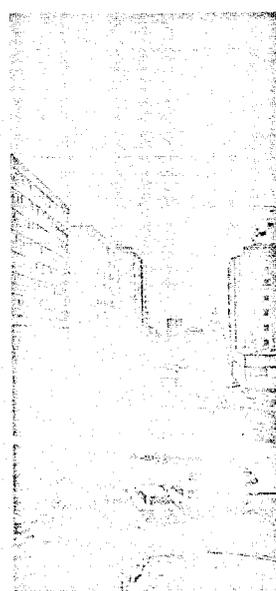
AGUA DE CARROCHINHA

Era a administração municipal de Orozimbo Maia — considerado um dos maiores prefeitos de Campinas antiga. Homem enérgico e com visão futurista, que adotou o velho sistema de abastecimento de água através da distribuição de cotas por carrocinhas da Prefeitura, para implantar um moderno sistema de encanamento. E foi dentro os atos de seu governo, em os quais a cidade começou a ganhar novas estradas e planos urbanísticos, que decidiu prestar homenagem a outro campineiro ilustre, Júlio de Mesquita, o fundador do jornal o Estado de São Paulo.

Um jornal que tem suas raízes em Campinas, pois que Júlio de Mesquita havia criado, no século anterior, o jornal A Província, que em 1871 foi transferido para a capital e transformado no "O Estado".

TÊNIS E PONTE

Já haviam surgido, então, as primeiras casas de estilo ao longo do amplo caminho formado pela Avenida. Uma fase em que novas classes emergentes da crise do café começaram a se estabelecer no centro



A Júlio de Mesquita, similar da avenida Paulista.

ou nas profissões liberais, a Avenida Júlio de Mesquita surgiu como a similar da Avenida Paulista, onde a aristocracia paulista erigiu suas mansões.

Foi ocasião de grande pujança econômica para a cidade e quando começaram as importações de azulejos portugueses, mármore cariara da Itália, além de móveis ingleses e telas francesas, para as novas construções. Tudo era elegante na magnífica Júlio de Mesquita, por onde começava a circular o bonde do Cambuí, o número 6, que aos domingos conduzia alegres passageiros rumo ao Tênis Clube, ou ao Frontão, local encravado numa encosta que formava um verdadeiro paredão e onde a aristocracia praticava um esporte perigoso e conhecido por aquele nome.

As primeiras casas construídas ao longo da nova avenida pertenciam ao comerciante Eurico Vilela — proprietário de uma casa de quadros, localizada no prédio do Clube Semanal de Cultura Artística — e ao promotor paulista, Rogério de Freitas. A cidade crescia. Azulejo. Lápiz já havia fundado sua serventia, no lado da casa de quadros de Vilela, a que foi o estabelecimento que praticamente originou a casa famosa como o "Lochilva" e a habilitadíssimo Restaurante Arcaid.

Quando o bonde chegou, a Júlio de Mesquita já não era mais uma avenida de terra. Possuía o esmalamento da Campinas antiga, feito de paralelepípedos. E era também passagem dos esportistas da cidade, porque não só conduzia ao Tênis e ao Frontão, como também a um amplo terreno — entre as ruas Prisciliana Soares e Guilherme da Silva — onde funcionava o Clube Atlético Campinas, lugar onde a Associação Atlética Ponte Preta realizava seus jogos, vinte anos antes de construir o Majestoso, em terreno de Moisés Luccarelli.

COLÉGIO DE MOÇAS

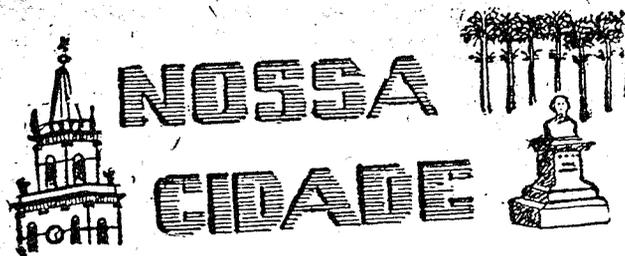
Na virada da década de 30, a Júlio de Mesquita já estava integrada à paisagem urbana de Campinas. Médicos como Thomas Alves, e famílias tradicionais como os Stevensons, os Pupo Nogueira haviam construído suas amplas casas assobracadas, nas quais associavam o luxo das construções à amplitude dos terrenos, que proporcionavam espaços para saudáveis jardins, hoje praticamente abolidos, diante da exiguidade de áreas dos planos urbanísticos.

Com a pujança da avenida, surgiram as duas únicas construções que nada possuíam como elo de ligação às tradicionais residências: o Colégio Progresso e o Hospital Irmãos Penteado.

Um Colégio de moças. A aristocracia campineira via a necessidade urgente de implantar um estabelecimento de ensino para atender apenas suas moças. Os rapazes já contavam com colégios de sobra, como o Culto e Ciências, o Liceu, o Ateneu e o Cesário Motta. Assim, surgiu o Progresso — fundado pela educadora Emília de Paula Meira — em cujos portões os bondes do Cambuí cruzavam, despejando as turmas de alunas, pela manhã e à tarde.

Por essa ocasião, os irmãos Austero, Severo e Sabatiano Penteado deixavam um legado a Santa Casa, com o qual foi possível a construção do Pavilhão Irmãos Penteado (em memória aos velhos sobrinhos), que mais tarde se transformou em Hospital.

E foi para marcar a Júlio de Mesquita como a Paulista campineira, que as famílias tradicionais da cidade começaram a plantar ao longo da avenida os grandes fúmbulos que há permaneceram, como verdadeiras pontes entre o passado e o presente. Já que grande parte dos antigos casarões desapareceu, cedendo lugar para altos prédios, em estilo mediterrâneo, estabelecimento a para esta habitação construídos.



PRAÇAS, RUAS E AVENIDAS

Julio de Mesquita - Avenida

Trabalho de Alair Malta GUILMARAES

(Começa na rua Morais Sales e termina na confluência Silva Teles — Olavo Bilac. Serve o Bairro do Cambuí.)

A denominação foi dada pelo Edital de 12 de setembro de 1927, sendo, inicialmente, para o trecho Benjamin Constant — Olavo Bilac — Silva Teles. O trecho compreendido pelas ruas Benjamin Constant — Ferreira Penteado, tinha denominação de Augusto Cesar. Com o alargamento desse trecho e prolongamento além da Ferreira Penteado a rua Augusto Cesar deixou de existir, tomando a denominação de Julio de Mesquita. Tem 22 metros de largura.

DADOS BIOGRAFICOS: — O jornalista e advogado dr. Júlio Cesar de Mesquita, nascido em Campinas, aos 18 de Agosto, de 1862 e falecido em S. Paulo aos 17 de Março de 1927, era filho de Francisco de Mesquita e de d. Maria da Conceição Ferreira de Mesquita ambos portugueses. Iniciou seus estudos no Colégio Caldeira, depois, no Morton e finalmente no Culto à Ciência. Aos 21 anos, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de S. Paulo. Jornalista por vocação, colaborou na "Gazeta de Campinas", um dos jornais de maior destaque na imprensa de então, e depois na "Provincia de São Paulo", hoje, "O Estado de São Paulo". Entrou para o corpo de redatores efetivos em 1886 estando em franca atividade até 1889. Com a proclamação da Republica e a reorganização dos Governos Estaduais. Júlio de Mesquita foi ocupar o cargo de Secretario do Primeiro Presidente do Estado de São Paulo, aliás, do primeiro Presidente Paulista. Foi deputado à Constituinte do Estado e por ocasião do golpe de Estado, dado por Deodoro não se conformando com esse ato de força, resignou. Mais tarde, com a pacificação e conciliação dos republicanos, foi enviado à Camara Federal. Reeleito deputado acompanhou o movimento dissidente de 1901 a 1907, e realizado o conagraçamento dos adversarios foi eleito deputado lider da maioria até o ano de 1909. Alguns anos depois voltou à opposição, sob a Presidencia de Rodrigues Alves. Eleito, posteriormente senador estadual, não chegou a frequentar as sessões do Senado, passando a cuidar inteiramente do seu jornal.

PRAÇAS, RUAS E AVENIDAS
Julio de Mesquita - Avenida

Trabalho de Alair Malta GUIMARAES

(Começa na rua Moraes Sales e termina na confluência Silva Teles — Olavo Bilac. Serve o Bairro do Cambuí).

A denominação foi dada pelo Edital de 12 de setembro de 1927, sendo, inicialmente, para o trecho Benjamin Constant — Olavo Bilac — Silva Teles. O trecho compreendido pelas ruas Benjamin Constant — Ferreira Penteado, tinha denominação de Augusto Cesar. Com o alargamento desse trecho e prolongamento além da Ferreira Penteado a rua Augusto Cesar deixou de existir, tomando a denominação de Julio de Mesquita. Tem 22 metros de largura.

DADOS BIOGRAFICOS: — O jornalista e advogado dr. Julio Cesar de Mesquita, nascido em Campinas, aos 18 de Agosto de 1862 e falecido em S. Paulo aos 17 de Março de 1927, era filho de Francisco de Mesquita e de d. Maria da Conceição Ferreira de Mesquita ambos portugueses. Iniciou seus estudos no Colégio Caldeira, depois, no Morton e finalmente no Culto à Ciência. Aos 21 anos, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de S. Paulo. Jornalista por vocação, colaborou na "Gazeta de Campinas", um dos jornais de maior destaque na imprensa de então, e depois na "Provincia de São Paulo", hoje "O Estado de São Paulo". Entrou para o corpo de redatores efetivos em 1885 estando em franca atividade até 1889. Com a proclamação da Republica e a reorganização dos Governos Estaduais. Julio de Mesquita foi ocupar o cargo de Secretario do Primeiro Presidente do Estado de São Paulo, aliás, do primeiro Presidente Paulista. Foi deputado à Constituinte do Estado e por ocasião do golpe de Estado, dado por Deodoro não se conformando com esse ato de força, resignou. Mais tarde, com a pacificação e conciliação dos republicanos, foi enviado à Câmara Federal. Reeito deputado acompanhado o movimento dissidente de 1901 a 1907, e realizando o congraçamento dos adversarios foi eleito deputado lider da maioria até o ano de 1909. Alguns anos depois voltou à opposição, sob a Presidencia de Rodrigues Alves Eleito, posteriormente senador estadual. não chegou a frequentar as sessões do Senado, passando a cuidar inteiramente do seu jornal.